

PROCESSOS DE CO-EDUCAÇÃO, RECONHECIMENTO E SABERES TRADICIONAIS: UM ESTUDO COM MULHERES ASSENTADAS EM ARARAQUARA-SP

Thauana Paiva de Souza Gomes¹
Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante

RESUMO PLATAFORMA:

O presente trabalho é parte de um projeto intitulado “Construindo elos entre Agroecologia e Comunidades rurais: desafios da relação entre Ensino, Pesquisa e Extensão” os quais refere-se às ações do NUPEDOR- Núcleo de Pesquisa e Documentação Rural- voltadas à problemática da agricultura familiar e de assentamentos rurais, e às diferenciadas e integradas pesquisas realizadas na região central do Estado de São Paulo. O presente recorte destaca o importante papel de mulheres assentadas no processo de conservação ambiental, permanência e transferência de saberes agroecológicos. A metodologia toma como parâmetros princípios da pesquisa-ação com a realização de diagnósticos participativos, dias de campo, capacitações, desenvolvimento e fortalecimento de tecnologias sociais a reforçar a continuidade proposta de diálogo e interação com as comunidades investigadas. Os principais resultados esperados são a manutenção e o fortalecimento de grupos a partir do princípio de co-educação e reeducação de mulheres comprometidas com os princípios da produção e da comercialização de base ecológica a partir de resgate e transferência de saberes ecológicos.

INTRODUÇÃO

Tomando por base a ênfase nas atividades de agricultura de base ecológica, que extrapole uma abordagem tecnicista, levando em conta as experiências anteriores, e, via de regra, sustentadas pela pesquisa-ação. Estimular a prática da produção diversificada e não convencional no território da região Central do Estado de São Paulo, caracterizado pela produção de monocultivos de cana-de-açúcar e laranja, intensivos no uso de agrotóxicos, e sistemas produtivos com baixa demanda de força de trabalho, é um processo de resistência e tensão constante. Realidade que traz consequências negativas para a segurança alimentar e o balanço energético da produção de alimentos, já que tais monocultivos expulsam a agricultura voltada à produção de alimentos implicando em perda de hábitos alimentares locais. Também o desmatamento tem influência sobre o microclima regional, a conservação de solos e a conservação dos recursos hídricos (FERRANTE et al, 2018).

O conceito de agroecologia aqui colocado parte do princípio de que a Agroecologia não é um sistema de produção, mas um enfoque teórico- metodológico, uma ciência de síntese entre várias outras ciências, não apenas entre agronomia e ecologia como a palavra sugere (GLIESSMAN, 2000; SEVILLA GUZMÁN, 2002).

Assim sendo, o Enfoque Agroecológico traz consigo as ferramentas teóricas e metodológicas que auxiliam se considerar, de forma holística e sistêmica, as seis dimensões da sustentabilidade, ou seja: a Ecológica, a Econômica, a Social, a Cultural, a Política e a Ética (CAPORAL; COSTABEBER, 2009). Desta forma, o conceito é amplo, pois pretende compreender toda a complexidade de processos biológicos e tecnológicos, socioeconômicos e políticos, abrangendo a produção e a circulação dos bens produzidos, até sua chegada aos consumidores (SEVILLA GUZMÁN, 2002).

Na dimensão energética o padrão tecnológico agrícola tem evoluído de sistemas de mão-de-obra intensivos para processos crescentemente artificializados e mecanizados,

¹ Graduanda em Ciências Sociais e Pedagogia pela UNESP, metra e doutora em Educação escolar também pela UNESP, Pesquisadora pelo NUPEDOR, professora ESTACIO/ Ribeirão Preto- thauanap@gmail.com

obedecendo à lógica capitalista de incremento do consumo de energia e insumos industriais, e de aumento da produtividade do trabalho (RAPPAPORT, 1971; PIMENTEL, 1980 apud GLIESSMAN, 2000).

Na esfera ecológica a adoção de um modelo capital intensivo e com reduzida biodiversidade causa problemas diretamente associados à base dos recursos flora, solo e água, que incluem a erradicação da flora, a erosão, a queda da produtividade, o esgotamento do solo e da reserva de nutrientes, a redução da reserva de água nos solos, a poluição das águas superficiais e subterrâneas.

A perda da agrobiodiversidade é um fator que preocupa muito no cenário específico do assentamento estudado cenário, com a forte presença da monocultura de cana, eucalipto, soja e milho. Estes dois últimos, majoritariamente transgênicos, inclusive nas áreas de assentamentos e agricultura familiar, têm levado à contaminação genética do milho crioulo e à erosão da biodiversidade local (FERMENT et al., 2015; FERNANDES; FERRAZ; MELGAREJO, 2013; KAGEYAMA, 2009).

No caso dos assentamentos rurais, suas trajetórias foram marcadas pelo incentivo a uma agricultura de base convencional, por parte do mercado e dos agentes de assistência técnica e bancários, sem que fosse incentivado o aproveitamento dos recursos locais, e outras práticas de manejo agroecológicas.

Neste contexto o papel das mulheres nos assentamentos com relação ao meio ambiente destaca-se pela importante relação no processo de conservação ambiental, permanência e transferência de saberes agroecológicos.

Os saberes tradicionais e os conhecimentos adquiridos de forma geracional com o vivenciamento com a natureza, predominante nas atividades femininas, são substituídos por práticas artificializadas e sintéticas. Vale ponderar que parte destes pequenos produtores não percebe os impactos e males dos usos destas práticas, ou mesmo os desconhece, por falta de informação, mas uma outra parcela, consciente de todos os problemas trazidos pelo uso de pesticidas e inseticidas, continua a executar tais práticas, iludidos pelas promessas de produtividade (GOMES, 2019).

Neste aspecto, o papel feminino duplamente importante: primeiro, por ser, em grande medida, responsável pela permanência da resistência de práticas alternativas frente ao sistema da agricultura convencional e, segundo, pelo fato das mulheres manterem vivos e repassarem conhecimentos sobre saúde, criação e meio ambiente mais sustentável às novas gerações.

Muitas das práticas naturais que a ciência tem chamado de Agroecologia têm se conservado e sido praticadas em quintais, áreas da agrovila, pomares, sítios, hortinhas, lugares nos quais a figura feminina prevalece como ponto central na organização e cuidado, no sentido mais afetivo desta palavra (GOMES, 2015).

A produção nos moldes agroecológicos necessita de um conhecimento sobre a complexidade das interações nos agroecossistemas, e da relação homem-sociedade-natureza, o mesmo ocorrendo com os processos de transição agroecológica. As mulheres em seu processo diário de cuidados com a terra, criação quintais e produção no empolado de práticas e acumulado de espécies vão mantendo e multiplicando os conhecimentos sobre conservação e proteção ambiental. Que a ciência designa como ecológicas, sustentáveis ou agroecológicas.

Ao considerar estes aspectos passamos a estudar os assentamentos sob a perspectiva longitudinal que confirmam o princípio da multidimensionalidade e da complexidade da realidade destes locais, apresentando entre outros aspectos contraditórios, a resistência por parte das mulheres na conservação ambiental frente ao uso de agrotóxicos. Do ponto de vista analítico, temos assumido que a relação dos assentamentos com o desenvolvimento territorial não é linear, mas pautada por uma trama de tensões sociais, que se expressam tanto objetiva como subjetivamente, no modo de vida, nas formas de inserção dos assentados em contextos regionais, nos bloqueios enfrentados na área da comercialização, nos vieses de gênero que

muitas vezes excluem as mulheres das decisões sobre o presente e o futuro dos assentamentos, na pouca eficácia das políticas públicas, dentre outros fatores.

Por outro lado, coloca-se a necessidade de compreensão dos contrapontos representados pelos assentamentos frente aos constrangimentos estruturais que a sociedade impõe, através do mercado e do Estado. Em continuidade a essa linha de interpretação, é fundamental discutir continuamente a importância de se aprofundar as relações ensino no processo co-educativo e formativo dos envolvidos no processo. Diante desta perspectiva, as iniciativas de caráter agroecológico das mulheres em seu processo de transferência de saberes e práticas passaram a ter uma importância significativa na compreensão da agricultura mais sustentável, a partir dos contrapontos ao modelo do agronegócio.

METODOLOGIA

Diante da diversidade dos assentamentos rurais e da complexidade da transição agroecológica, a construção de metodologias participativas com vistas à superação dos problemas da realidade local é necessária, porém, é um desafio colocado ao conhecimento científico e sua interlocução com a comunidade.

A extensão rural predominante, calcada na visão cartesiana e no difusionismo tecnológico, não dá conta da construção de um novo paradigma para o desenvolvimento rural, onde o conhecimento tradicional do agricultor familiar e em especial das mulheres assentadas e seus aspectos culturais, sociais, econômicos, políticos e ecológicos devem compor a relação estabelecida com o saber científico.

Para Gastal et al. (2002) na metodologia participativa se juntam vários métodos de natureza participativa, usando diversos instrumentos específicos, e constitui-se num convite à ação e ao aprendizado conjunto, possibilitando maior acesso ao poder decisório (empoderamento das pessoas envolvidas e da organização). O método participativo é um processo no qual a troca de informações ocorre entre todos os envolvidos, internaliza-se os problemas e potencialidades principais de forma coletiva, o que gera uma participação dos envolvidos, provocando e apoiando o processo de mudança comportamental de cada um e do grupo como um todo.

Esse fazer pedagógico comum, coletivo e apoiado em conhecimentos tradicionais é visto como importante estratégia de valorização das mulheres envolvidas e também uma ferramenta de assimilação e interiorização de práticas agroecológicas.

A escolha dos sujeitos partiu inicialmente da ideia da construção de um inventário do conhecimento de mulheres sobre as ervas medicinais e sua utilização no cotidiano, o qual se estruturou através de uma pirâmide de informações iniciada na cooperativa — que indicou as principais mulheres produtoras, depois alguns outros agentes envolvidos, que se inseriram no projeto de processamento de ervas medicinais.

Assim, iniciamos um trabalho de levantamento dos sujeitos da pesquisa de forma que pudessemos adquirir o máximo de informações ligadas ao conhecimento das ervas no assentamento. Desta maneira, foram escolhidas 25 mulheres pela relação com a cooperativa e sua proximidade com o interesse pelas plantas medicinais e/ou ainda pelo conhecimento e produção. Das 25 mulheres listadas, foram entrevistadas 20, e, destas, ficaram 16 mulheres que desejaram participar do projeto de pesquisa.

Foram realizadas entrevistas com visitas aos lotes com o intuito de elaborar um rol de informações que nos dessem elementos para mapear as práticas e saberes ecológicas das mulheres transmitidas aos grupos mais jovens. Cada entrevista realizada tornava-se uma orientação para a próxima, a partir da composição do nome previamente estabelecido e da indicação da própria entrevistada.

Concomitantemente com levantamento foram realizados com o grupo de mulheres cursos de capacitação em que elas trocavam conhecimentos e aprofundavam outros sobre os

processos e métodos orgânicos e agroecológicos de produção, formas de processamento de ervas, formas de usos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante as entrevistas, coleta de dados, etnografia, levantou-se o questionamento junto às assentadas sobre o conhecimento deles em agroecologia, ou melhor, se os mesmos sabiam o significado ou já tinham ouvido falar sobre o tema.

O foco constituiu como estas construções teóricas, o conceito de Agroecologia, interação com as mulheres que não fazem parte do sistema acadêmico. Verificou-se então como a linguagem acadêmica interage, se relaciona, ou constrói entendimentos junto às assentadas.

A perspectiva da Educação do Campo ajuda a refletir sobre estes aspectos, justamente por considerar que os indivíduos fazem parte de um meio, e este é cheio de significados simbólicos e conhecimentos, que devem ser considerados no processo de aprendizagem.

Por exemplo, ao perguntarmos sob o motivo da participação no curso se conheciam agroecologia, de todas as entrevistadas, nenhuma afirmou saber a definição do conceito. As respostas variavam entre não saber, não ter ouvido falar, ou ainda, conhecer o que é orgânico ou agroecológico, o que para alguns é quase uma prática inalcançável, por todos os entraves que se colocam à produção deste tipo de alimento.

O interessante é que apesar da fala, do não conhecimento sobre o que é a agroecologia, muitos deles em seus lotes e práticas diárias a realizam, práticas que se compõem claramente dentro da Agroecologia, sem, no entanto, vincular este saber para o conceito. Um alerta especialmente quando os técnicos ou extensionistas tomam uma postura de desenvolvimento de agroecologia e pensam levar um saber desconhecido para os agricultores (GOMES, 2015). No que se refere a esta concepção inicial, estes técnicos/ extensionistas com esta postura impositiva não estão efetivamente praticando a agroecologia. Já que muitos desconsideram a perspectiva da sustentabilidade e da racionalidade ambiental das relações das comunidades tradicionais, indígenas ou camponesas com o meio como essenciais na conservação da natureza (GOMES, 2015).

As assentadas apresentam práticas e saberes nos quais coexistem elementos da agricultura convencional e os conhecimentos tradicionais. Assim, partiu-se do pressuposto que as práticas/saberes tradicionais das assentadas existem e são elementos do patrimônio imaterial de um grupo que os reconhecem como um saber ligado às práticas sustentáveis em relação à natureza. Portanto, são parte do que a agroecologia sustenta como um conhecimento necessário à vida.

Neste sentido, ao longo das atividades empreendidas neste trabalho, escolhemos fazer um levantamento de receitas e práticas utilizadas pelas assentadas, que foram descritas e discutidas em crescentes convergências, analogias e reconhecimento científicos e técnicos. Para ilustrar esta discussão, apresentamos um quadro com as principais pragas mais comuns levantadas e as práticas de combate utilizadas pelas mulheres em suas produções.

Quadro 1- Pragas mais comuns na produção dos assentados

Tipo de praga	Método de combate
Mosca branca	Urina de vaca curtida, plantar alho e pimenta junto.
Lagarta da couve	Esterco de galinha, porco ou vaca curtido em água durante uma semana.
Pulgão	Água com sabão, solução de nem
Vira-cabeça	Inseticida e fungicida
Taquinose	Inseticida e fungicida
Cupim/ Broca	Furadam, receita de neem curtido, calda bordalesa
Lagarta preta	Calda bordalesa

Besouro –vaquinha	Calda bordalesa, plantar ervas medicinais junto, como hortelã, boldo, erva cidreira, entre outras.
Pulgão	Calda bordalesa, calda de enxofre ² , calda de cal com detergente
Fungo	Calda de enxofre
Bicheira, fratura ou corte	Mistura de ervas

Fonte: GOMES, 2015.

Verifica-se a existência de práticas sustentáveis misturadas às práticas químicas, que merecem cuidadosamente serem estudadas. No primeiro item do quadro 1, uma das indicações de praga refere-se à mosca branca, inseto muito comum, de ordem dos hemípteros, que no campo geralmente comem e destroem plantas e/ou arbustos, e transmitem doenças. O combate deste inseto é longo, pois sua eliminação pode requerer a aplicação de múltiplos métodos alternados durante várias semanas.

Na prática convencional química, aplica-se, por exemplo, os inseticidas Cartap, Thiobel, Orthene 750BR, mas moscas-brancas desenvolvem uma tolerância a produtos químicos e, por consequência, os agricultores fazem uso destes inseticidas de tipos diferentes em rotação para um controle eficaz. No entanto, o grande problema é que os mesmos levam à morte muitas outras espécies, como as abelhas(GOMES, 2015).

Tal coexistência entre as práticas tradicionais e convencionais na agricultura são aspectos dinâmicos da vida diária do assentado; dada a simbiose da relação com natureza, que em uma relação dialética entre de práticas tradicionais e usos de inseticidas e pesticidas ressignificam suas práticas na agricultura. A falta de conhecimento apropriado, com relação aos efeitos químicos da agricultura convencional, coloca estes agricultores em uma situação “analfabetismo”, já que muitos acreditam apenas nos efeitos benéficos quanto a maior produtividade. Mesmo diante deste processo, as resistências nas práticas alternativas são identificadas e usadas como prática importante no processo diário de cuidado com a produção e a criação (GOMES,2015).

É importante destacar que muitas das práticas tradicionais já apresentam estudos de correspondência e legitimidade científica. Neste sentido descreveremos a prática e a receita utilizada pelos assentados comparando as possibilidades de usos descritos na literatura científica.

Quadro 2: Receitas de práticas tradicionais descritas pelos entrevistados e apresentação na literatura científica.

Nome da Receita	Receita praticada pelo assentado (a)	Utilidade da receita apresentada pela literatura científica
Mistura de esterco curtido	Deixar esterco de galinha, porco ou vaca curtir na água durante uma semana. Depois coar e borrifar nas plantas para fertilização e combater insetos.	No curtimento ou cura, eliminamos todas as sementes de ervas espontâneas e também possíveis patógenos ou parasitas que possam contaminar os alimentos, e causar problemas de saúde para os consumidores. Podemos no curtimento aumentar a relação Carbono/Nitrogênio do esterco, colocando palhas ou material rico em celulose. Podemos trabalhar com 3 a 5 partes de material rico em celulose para cada parte de esterco
Urina de vaca:	Curtir a urina com água. Colocar nas plantas para fortalecer e espantar insetos.	Nutre corretamente a planta, aumentando o número de brotações, de folhas, de flores e da produtividade. “As plantas ficam saudáveis e mais resistentes às pragas e doenças. É a possibilidade de o produtor utilizar, regularmente, uma adubação

² Calda que o Sr. B. desenvolveu e faz uso, segundo ele o resultado é imediato.

		completa. De acordo com os estudos desenvolvidos até o momento, as principais substâncias encontradas na urina de vaca são: nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio, enxofre, ferro, manganês, boro, cobre, zinco, sódio, cloro, cobalto, molibdênio, alumínio (abaixo de 0,1 ppm), fenóis (aumentam a resistência das plantas) e ácido indolacético (hormônio natural de crescimento) ³ .
Calda de enxofre	Usa-se esterco de vaca, folhas de mamona, calcário 200l de enxofre diluídos em água. Aqui, o assentado faz suas adaptações segundo sua prática diária, modifica o seu nome e parte dos ingredientes, transformando a tradicional calda bordalesa em calda de enxofre.	Para proteger plantas do ataque de fungos e ácaros, prepare em casa a calda bordalesa.
Neem curtido	sementes ou folhas de nem trituradas, curtidas em água e/ou no álcool para matar cupim, broca, pulgão	Inseticida vegetal que combate mais de 100 tipos de insetos como mosca branca, mosca do gado, cochonilha, pulgão, lagartas. Também é utilizado como carrapaticida e combate vermes em animais ⁴ . Verifica-se que a utilização do neem é muito mais ampla do que o proposto pelos assentados
Calda bordalesa	Misturar 10 litros de água com cal virgem com sulfato cúprico.	Dissolver em 10 litros de água, 100g de cal virgem e 100g de sulfato de cobre ⁵ . A calda é recomendada para o controle de doenças e parasitas, de míldio e alternaria de hortaliças e legumes com a couve, repolho, chuchu, a antracnose do feijão, pinta preta e queima do tomate, muchadeira da batata, queima das folhas da cenoura. Também é utilizada em frutíferas ⁶ .

Fonte: Gomes, 2015.

Além destas práticas tradicionais, incluem-se a utilização de mistura de ervas, que se destacam como conjuntos dos saberes ricos mas difíceis de serem registrados, dado ao fato de se referirem, especialmente, à experiência diária de cada assentado e assentada. Estas técnicas se constroem através da observação e análise dos resultados cotidianos da interação com a natureza e representa, para agroecologia, um elemento fundamental que é a conservação da biodiversidade.

Dentre as possibilidades pontuadas sobre a associação da biodiversidade às produções, destacaram-se dois usos que nos chamaram mais a atenção. O primeiro deles é quanto aos lotes de assentados que declararam não utilizar nenhum tipo de veneno, apenas técnicas de controle de pragas naturais como biofertilizantes e/ou ervas consorciadas nos canteiros de horta. Nestes lotes, além das técnicas, a quantidade de biodiversidade, tanto na conservação das matas ciliares quanto dentro do lote, foi superior a todos os lotes visitados ao longo da pesquisa (GOMES, 2015).

³ Receita ver apostila, orientação do site: <http://www.pesagro.rj.gov.br/urina.html>

⁴ Fonte: <http://www.caatinga.org.br/wp-content/uploads/2014/03/NIM-IX.pdf> pdf-cartilha-do-caatinga.pdf

⁵ <http://www.cpa.org.br/publicacoes/online/zip/FOL200837.pdf>

⁶ Fonte: <http://www.portalorganico.com.br/artigo/44/calda-bordalesa---preparo-e-uso>

Vale acrescentar aqui a correlação entre biodiversidade e práticas ecológicas, em que o conjunto de seres vivos. Entre eles, borboletas, aranhas, formigas, besouros, pássaros, entre outros. Mostram-se como indicativo de equilíbrio, do meio ajudando na harmonização das condições ambientais. Fato este, decorrente do controle ambiental e polinização promovida quando os inimigos naturais e alguns insetos deixam de serem pragas e encontram-se em equilíbrio.

O segundo ponto é o uso das plantas ou ervas medicinais como métodos anti-pragas, fungicidas e curativos que, entre as mulheres, encontramos a grande fonte deste conhecimento. Verifica-se que a maior parte das ervas descritas por estas mulheres participantes da pesquisa estão regulamentadas pela ANVISA- Agência Nacional de Vigilância Sanitária⁷ por meio de resolução RDC N° 10, de 9 de março de 2010, e são inclusive indicadas como medicamentos complementares aos alopáticos. Segundo esta resolução, compreende-se:

“o produto que deve ser designado de "Chá", seguido do nome comum da espécie vegetal utilizada, podendo ser acrescido do processo de obtenção e ou característica específica. Podem ser utilizadas denominações consagradas pelo uso” (RDC N°10/2010).

Além da listagem das 66 de ervas foram levantados outros tipos de ervas, que não estavam nesta listagem, mas dos quais há um amplo uso na prática popular e até na literatura científica, embora ainda não tenham sido acrescentados à listagem de interesse do SUS segundo a ANVISA. Abaixo se encontra a tabela de listagem das ervas encontradas nos lotes das mulheres:

. Tabela 1: Listagem das ervas da ANVISA segundo RDC nº10 encontradas nos lotes inventariados:

Ervas regulamentadas pela ANVISA	Número de lotes com as ervas	Porcentagem de lotes que produzem as ervas %
Alecrim – <i>Rosmarinus officinalis</i>	10	62,5
Alho – <i>Allium sativum</i>	4	25
Anis estrelado – <i>Illicium verum</i>	2	12,5
Anis, Erva doce – <i>Pimpinella anisum</i>	3	18,75
Arnica – <i>Arnica montana</i>	5	31,25
Aroeira da praia – <i>Schinus terebinthifolia</i>	2	12,5
Assa peixe – <i>Vernonia polyanthes</i>	2	12,5
Barbatimão – <i>Stryphnoden dromadstrigens</i>	5	31,25
Boldo do chile – <i>Peumus boldus</i>	8	50
Boldo nacional, Hortelã homem, Falso boldo, Boldo africano – <i>Plectranthus barbatus</i>	6	37,5

⁷ Fonte: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/saudelegis/anvisa/2010/res0010_09_03_2010.html

Cajueiro – <i>Anacardium occidentale</i>	6	37,5
Canela – <i>Cinnamomum verum</i>	2	12,5
Capim santo, Capim limão, Capim cidreira, Cidreira – <i>Cymbopogon citratus</i>	11	68,75
Cavalinha – <i>Equisetum arvense</i>	2	12,5
Chapéu de couro – <i>Echinodorus macrophyllus</i>	2	12,5
Curcuma, Açafrão da Terra – <i>Curcuma longa</i>	4	25
Dente de leão – <i>Taraxacum officinale</i>	3	18,75
Erva cidreira, Falsa melissa – <i>Lippia alba</i>	12	75
Erva de bicho, Pimenteira d'água – <i>Polygonum punctatum</i>	1	6,25
Eucalipto – <i>Eucalyptus globulus</i>	8	50
Gengibre – <i>Zingiber officinale</i>	7	43,75
Goiabeira – <i>Psidium guajava</i>	13	81,25
Guaco – <i>Mikania glomerata</i>	2	12,5
Guaraná – <i>Paullinia cupana</i>	1	6,25
Hortelã pimenta – <i>Mentha x piperita</i>	11	68,75
Jucá, Pau ferro – <i>Caesalpinia ferrea</i>	1	6,25
Jurubeba – <i>Solanum paniculatum</i>	7	43,75
Laranja amarga – <i>Citrus aurantium</i>	3	18,75
Macela, Marcela – <i>Achyrocline satureioides</i>	4	25
Maracujá – <i>Passiflora alata</i>	11	68,75
Maracujá azedo – <i>Passiflora edulis</i>	6	37,5
Melão de São Caetano – <i>Momordica charantia</i>	7	43,75
Melissa, Erva cidreira – <i>Melissa officinalis</i>	3	18,75
Mentrasto, Catinga de bode – <i>Ageratum conyzoides</i>	8	50
Picão – <i>Bidens pilosa</i>	13	81,25
Pitangueira – <i>Eugenia uniflora</i>	6	37,5
Poejo – <i>Mentha pulegium</i>	1	6,25
Quebra pedra – <i>Phyllanthus niruri</i>	10	62,5

Romã – <i>Punica granatum</i>	10	62,5
Sabugueiro – <i>Sambucus nigra</i>	2	12,5

Fonte: (GOMES, 2018)

É possível verificar que seja na produção agrícola, seja na produção de medicamentos ou técnicas alternativas de combates às pragas, a todo o momento há resgate de sentimentos de permanência e resistência das práticas tradicionais, mesmo frente à ofensiva da agricultura convencional. À medida que os princípios da Revolução Verde avançam, encontram-se vários caminhos criativos de convivência para resgate destas práticas, ressignificadas pelas novas gerações, que dão o tom da permanência cultural e patrimonial ao grupo local. Sobre esta simbiose o assentado incorpora técnicas da agricultura convencional à tradicional, como resultado da realidade, das dificuldades, daquilo que eles têm disponível para resolver seus problemas de produção e essencialmente de sua experiência vivida.

Tais pontos nos levam a refletir sobre os processos de transição agroecológica, no sentido de respeitar o tempo, e a perspectiva do assentado sobre o que ele quer e deseja para seu futuro. Não basta existir políticas e pessoas capacitadas para realizar a transição, se não houver agentes que desejem promover a mudança. Por isso, trata-se de um processo de idas e vindas, de integração e espera, exatamente como nos agroecossistemas, em que a simbiose e a interligação levam tempo para a ocorrência do equilíbrio ecológico. E, nem sempre as técnicas funcionam de imediato, estabelecendo desafios para a extensão agroecológica e a formulação técnico-científica frente às demandas objetivas dos assentados produzir e gerar renda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parte de toda esta diversidade se faz pela valorização de conhecimentos advindos hereditariamente, em que se usava um chá ou um tipo de alimento de outra região do país e no embolado de espécies se conservam como práticas cotidianas e saberes tradicionais. A valorização da vida é aqui entendida com proporções ainda maiores do que apenas a saúde individual, pois esta se faz através da relação universal de efeitos tão abrangentes que afetam não unicamente o corpo humano, mas as diferentes espécies, o clima e a própria relação com natureza e com as culturas tradicionais e agrícolas.

Na experiência das capacitações, destaca-se que o processo de co-educação, re-educação, relembrar e reavivar os olhares, os cursos puderam trazer, ao mesmo tempo, práticas/saberes agroecológicos, utilizados desde sempre pelos assentados que são reafirmados positivamente e socializados e ainda o aprendizado para novas práticas sustentáveis com relação à não utilização de agroquímicos.

A partir disso, os saberes tradicionais e os conhecimentos adquiridos de forma geracional com o vivenciamento intuitivo a partir da observação da natureza, predominante nas atividades femininas, são substituídos por práticas artificializadas e sintéticas, no caso da produção comercial. Neste aspecto, o papel feminino, como veremos no processo histórico, é duplamente importante, primeiro por serem as mulheres, em grande medida, responsáveis pela permanência da resistência de práticas alternativas frente ao sistema da agricultura convencional, e segundo por manterem vivos e repassarem um conhecimento sobre saúde, criação e meio ambiente mais sustentável às novas gerações.

Muitas das práticas naturais que a ciência tem chamado de Agroecologia e praticado em quintais, áreas da agrovila, pomares, sítios, hortinhas têm novamente a figura feminina como ponto central na sua organização e cuidado.

Palavras-chave: mulheres; saberes, agroecologia.

REFERÊNCIAS

ACAYABA, R. D. Ocorrência de agrotóxicos usados na cana-de-açúcar em corpos d'água no Estado de São Paulo. (Dissertação de mestrado). Campinas: UNICAMP, 2017.

ALTIERI, M. A; NICHOLLS, C. Agroecologia: Teoria y práctica para una agricultura sustentable. México: Pnuma y red de formación ambiental para América latina y El Caribe, 2000.

ALTIERI, M. A. Agroecologia: bases científicas para uma agricultura sustentável. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

CAPORAL, F. R. Bases para uma nova Ater pública.1998. Disponível em: <https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/recursos/AterPublicaID-JdUuogQPhM.pdf>. Acesso em: set. 2018.

CAPORAL, F. R.; COSTABABER, J. A. Agroecologia: uma ciência do campo e da complexidade. Brasília, DF: 2009.

CASTANHO FILHO, E. P.; CHABARIBERY, D. Perfil energético da agricultura paulista. Agricultura em São Paulo, São Paulo, v. 30, t. I-II, p. 63-115, 1983.

COSTA, M. B. B. Análise da sustentabilidade da agricultura da região metropolitana de Curitiba, pela ótica da agroecologia. Tese de Doutorado. Curitiba: UFPR, 2004. 262 p.

DOERING III, O. C. An energy-based analysis of alternative production methods and cropping systems in Corn Belt. Purdue University, Agriculture Experiment Station, 1977.

FERMENT, G. et al. Lavouras transgênicas Riscos e incertezas. Brasília, DF: MDA, 2015.

FERNANDES, G.B.; FERRAZ, J. M. G.; MELGAREJO, L. Dez anos de transgênicos no Brasil. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL 10 ANOS DE TRANSGÊNICOS NO BRASIL, 2009. Disponível em: <<http://aspta.org.br/wp-content/uploads/2013/10/Texto-10-anos-Transg%C3%AAnicos.pdf>>. Acesso em: jan. 2017.

GASTAL, M. L. et al. Método participativo de apoio ao desenvolvimento sustentável de assentamentos de reforma agrária. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 2002.

GLIESSMAN, S. R. Agroecologia: Processos Ecológicos em Agricultura Sustentável. Porto Alegre: UFRGS, 2000. 653p.

KAGEYAMA, P. Transgênicos e Biodiversidade. In: REUNIÃO ANUAL DA SBPC, 61., Manaus, AM. Anais... 2009. Disponível em: FERNANDES et al 2013

KUMMER, L. Metodologia participativa no meio rural: uma visão interdisciplinar. conceitos, ferramentas e vivências. Salvador: GTZ, 2007.

NÚCLEO DE ESTUDOS E EXTENSÃO EM AGROECOLOGIA (NEEA). Pesquisa-ação e construção de proposta agroecológica para a agricultura familiar da região central do estado de São Paulo. (Relatório Técnico). Araraquara: Universidade de Araraquara, 2017.

PENTEADO, S. R. Controle alternativo de pragas e doenças com as caldas bordalesa, sulfocálcica e Viçosa. Campinas: Buena Mendes Gráfica e Editora, 2000. 95p.

PIMENTEL, D. Produção de alimentos e crise energética. EMPASC, 1982.

QUEDA, O.; KAGEYAMA, P. Y.; SANTOS, J. D. Assentamentos rurais: alternativas frente ao agronegócio. Retratos de Assentamentos, n. 12, p. 47-68, 2009.

RAPPAPORT, R. A. The sacred human evolution. Annual Review of Ecology and Systematics, v. 2:23-44, 1971.

SEVILLA GUZMÁN, E. Agroecología y desarrollo rural sustentable: una propuesta desde Latinoamérica. In: Agroecología: El camino hacia una agricultura sustentable (Sarandón S, ed.). Buenos Aires-LaPlata: Ediciones Científicas Americanas, pp. 57-81.